

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Thássila Marcelly Macedo Theodoro

AS DIMENSÕES DO TRABALHO, SAÚDE E VIOLÊNCIA NA VIDA FEMININA

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Luiz Flávio Neubert.

Juiz de Fora
2024

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **THÁSSILA MARCELLY MACEDO THEODORO**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 202073114, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **AS DIMENSÕES DO TRABALHO, SAÚDE E VIOLÊNCIA NA VIDA FEMININA**, desenvolvido durante o período de 20/03/2024 a 27/09/2024 sob a orientação de LUIZ FLÁVIO NEUBERT, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, __27__ de setembro __ de __2024__.

THÁSSILA MARCELLY MACEDO THEODORO

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

AS DIMENSÕES DO TRABALHO, SAÚDE E VIOLÊNCIA NA VIDA FEMININA

Thássila Marcelly Macedo Theodoro¹

RESUMO

O presente artigo discute, mediante revisão bibliográfica, as desigualdades da mulher na sociedade, principalmente de raça preta e de classe baixa, que sofrem pelas precarizações e sofrência em vários fatores, assim como violências. A investigação buscou demonstrar um levantamento sobre a inferioridade feminina no Brasil com o intuito de, um olhar abrangente superficialmente da época da escravidão com o foco principal da atualidade, houve então influências na herança do patriarcalismo, machismo, sexismo e capitalismo que ao longo do tempo vem vivenciando com a repressão tanto no âmbito privado, quanto no público. A pandemia da Covid-19 causou problemas de saúde de modo geral e global a todos os setores da sociedade de forma aprofundada, que consoante a análise no Brasil em relação às mulheres, apresentou um conjunto severo de situações em um período de extremo ponto crítico. Por ser um país bastante populoso e de fator econômico que se apresentava em um profundo desafio que se agravou ainda mais, pela desigualdade social que já era preexistente que, aliás acrescentam-se tornam-nas mais vulneráveis e dependentes de parceiros que a utiliza para o ato violento, sobre elas, por se sentirem superior e o outro fator é por muitas estarem no papel de frente da saúde como cuidadoras, então se colocando em momento de risco em segundo plano. Diante disso, nota-se que se deve pensar na problemática e demonstrar por intervenções que possam realmente causar melhorias de bem estar nas pessoas do sexo feminino.

PALAVRAS-CHAVES: Mulheres, Saúde, Violência, Pandemia, Desigualdade social.

1. INTRODUÇÃO

A precarização da saúde na vida das mulheres no Brasil faz compreender o quão a junção sobre gênero, classe, renda e raça são importantes para se perceber que vem de uma historicidade, que acontece a milênios de anos que não deve ser esquecidas por influenciar até a atualidade, sendo assim agravou ainda mais com a pandemia, e poderá se refletir também no futuro, caso não haja melhoras de políticas públicas.

A saúde, para a Sociologia, significa o ser humano obter em si bem-estar em variados sentidos porque, a princípio, apreender que há individualidade para cada corpo, tanto ao modo internamente quanto externamente, sabe-se então que o bem-estar traz um conjunto que engloba cuidar de si, satisfazer o eu fisicamente e emocionalmente. Juntando-se, principalmente, com a ideia de que nos ambientes societários servem à medida que dão a base para a conceitualização, por focar constantemente na interferência do ponto de vista que vem da sociologia do corpo.(GIDDENS, 2001)

Com isso, a complementaridade oposta à saúde é a doença, que tem a definição também proposta pela Sociologia, que vai além da idealização biomédica de ser genético, herdado, físico e mental, na verdade, a causa frequente também vem da sociedade, por meio das áreas onde se vivencia cotidianamente na qualidade de trabalho, escola, moradia com a família, onde se cria vínculos afetivos e sociais mais fidedignos sendo então, a configuração para se ter as dimensões representativas, introduzidos majoritariamente pela cultura por intermédio de crenças, valores, experiências vivenciadas e observadas que direta ou indiretamente afeta o modo de vida do indivíduo que podem não ser tão saudáveis quanto aparenta. (GIDDENS, 2001)

Apesar da expectativa de vida ter atualmente aumentado na era industrializada, sabe-se que não tem a distribuição igualitária por todo o corpo social, diante disso traz os seguintes aspectos que causa a divisões, entre as pessoas, são as classes sociais, os gêneros, a raça, idade e até mesmo localidade geográfica sendo o foco nesta abordagem, as três primeiras premissas, mas se deve lembrar que são intrinsecamente ligados à saúde. Tanto é que, segundo Giddens, “Em média, os indivíduos pertencentes aos

¹ Graduanda em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Email: thassila.marcellyt@gmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Luiz Flávio Neubert.

estratos socioeconômicos mais elevados gozam de uma saúde melhor, são mais altos e fortes, e vivem mais do que aqueles que se encontram no fundo da escala social” (GIDDENS, 2001, p.147), que esses fatos acontecem mundialmente, influenciando no modo de viver à proporção das consequências ocorridas. Devido à maioria serem da classe inferior, considerada, de pobreza que constantemente, a forma de trabalho que se tem com mais frequência é a de se expor ao perigo, ou os que não obtêm direitos dita de emprego informal, e também em escala os desempregados que, por efeito disso geram pouca quantidade, às vezes só em extrema gravidade mesmo, de irem às visitas aos médicos, psicólogos, cuidadores da saúde com um todo, para ter o cuidado consigo mesmo e seus familiares, ocasionando diagnósticos tardios e tratamento inadequados em adição a, probabilidade alta de não conseguir ir aos bons profissionais.

Em conjunto disso, ressaltam que os gêneros femininos e masculinos, portanto, se diferenciam pelas predisposições estabelecidas pelas genéticas, pelas constituições corporais, como também pelas sociais que vão ser mais evidenciadas, neste artigo. Assim sendo, por mais que haja justificativas com aspectos próprios dos seres humanos, não apresenta a realidade do todo, com a forma já generalizada que carrega desfavorecimentos econômicos e a porcentagem de mulheres na classe de pobreza maior,

“A partir desse entendimento, o cotidiano das relações sociais de gênero – desde o trabalho doméstico e o cuidado das crianças, empregos mal remunerados e dependência econômica, até a violência sexual e a exclusão das mulheres de centros-chave de poder político e cultural”(BRAH, 2006 apud BARBOSA et al. 2021, p.07),

identificando que são causalidades das dificuldades que interligam a forma de vida presenciada no costume feminino.

Desse modo de vivência, intensificado em outras existências de pandemias que ocorreram, anteriormente, em outros países, que neste presente contexto a vulnerabilidade das mulheres que veio a ser evidenciada. Em conjunção disso, “durante a epidemia de ebola em Serra Leoa revelou a associação do maior número de mortes entre mulheres à alta exposição gerada pelo trabalho de cuidado, o que levou a pesquisadora a cunhar o termo cuidado perigoso.” (SOUZA; DUMONT-PENA, PATROCINO, 2022, p.291) que além de ter alto teor de proteção ao outro, tem os sofrimentos individuais que a seguir surge em relação de como “também representou grave aumento da violência de gênero, houve denúncia de que a vacina estava sendo oferecida a mulheres e crianças em troca de favores sexuais” (SOUZA; DUMONT-PENA, PATROCINO, 2022, p.197), então o que já se existia se reforça em períodos bem mais graves como esse. Pelo fato de impor a posição feminina em virtude de, ser uma pessoa indefesa e de fragilidade que, em outras palavras, seriam apenas dificuldades que para a visão masculina, tem análise sobre motivo de dependência e submissão das mulheres. E no Brasil, não é diferente disso, por ser oportuno estruturalmente ter esse ponto de vista. Este trabalho pretende discutir algumas implicações de muitas que existem, dessa forma, o intuito é de abranger conhecimentos a respeito das mulheres e indicar os aspectos negativos relacionados a elas.

2. DESENVOLVIMENTO EM GÊNERO E PANDEMIA

A história do Brasil tem traços de separação de gêneros, que ao longo do tempo vem se sustentando pela sociedade de forma cultural. Ainda hoje, carrega-se a herança do patriarca, predominantemente, de pele branca no sentido de homens no poder, com a ideia do machismo agregando em comportamentos, atitudes, maneiras de pensar, que se opõe a igualar a mesma posição que mulheres, que une então à, sexismo, discriminações e preconceitos estereotipados, contra o gênero, segundo as autoras Souza, Dumont-Pena e Patrocino demonstra essa caracterização “Contudo, em um país marcado pelo patriarcado branco e pela feminização da pobreza, as vidas dessas mulheres estão em um plano

bastante inferior”(SOUZA; DUMONT-PENA, PATROCINO, 2022, p.294). Que na sociedade brasileira apresenta, desde a era da colonização portuguesa e a escravidão, que não se deve cair no esquecimento por estar estruturalmente envolvido, de certo modo, indiretamente no presente atual, onde ocorrem desigualdades constantes.

Nessa conjuntura, mostra-se a diferença entre homens e mulheres, contudo é essencial entender que grande parte, se não a maioria, das mulheres são consideradas com inferioridade. No entanto, há uma exuberante desproporção da categoria feminina de classe pobre, para a classe alta pelo simples fato de já haver influências já citadas, não é só sobre as pessoas do sexo masculino. Mas também sobre as próprias pessoas do mesmo gênero feminina pela questão de superioridade, por exemplo financeiro, causando ações desagradáveis e inconvenientes que a mesma que atua, poderá sofrer com essa mesma atitude em outras variadas circunstâncias.

2.1 MUNDO PÚBLICO E CONTROLE DA PANDEMIA

No contexto pandêmico, acarretou o controle político-público em prol da preservação da saúde contra o vírus COVID-19. Havendo por isso, mudança na vida privada das sociedades, ou seja, rotinas alteradas, formas de vínculos limitados, redução ou eliminação de carga horária em empregos fixos, aumenta de trabalhos informais que conseqüentemente são de risco e sem direitos devidos, pela solicitação do governo em se ausentar das ruas, se isolarem do meio social e somente em caso de extrema necessidade sair da própria moradia. Porém, na realidade não é fácil se cumprir, por algo que as pessoas não esperavam de acontecer, principalmente, tanto ao se não preparem, para as conseqüências financeiras, tornando-a por culminar problema grave, que para muitos era persistente e piorou, ainda mais, no quadro das desigualdades que afetam diretamente o bem-estar feminino, à procura de um sentido que apesar de já existente estão se deteriorando com mais intensidade tal que,

“Nesse momento desafiador, faz-se necessário descrever essa realidade complexa, o que inclui reconhecer as várias formas de opressão feminina e suas vulnerabilidades agregadas, de modo a interrogar as diversas dimensões que atravessam as mulheres durante a pandemia de covid-19. Busca-se escapar dos discursos essencialistas e das afirmações universalistas que aprisionam as mulheres em modelos estruturados, que podem acabar por justificar a discriminação e violência de que são alvo em função de uma “essência feminina”.” (BARBOSA et al,2021, p.3)

Com a medida protetiva “fique em casa” como abrigo, com o intuito de proteção, traz motivo em implicações quando a política que impõe essa vertente, não supre a todos como deveria. No Brasil ressei que é um privilégio quem tem o básico como molde o saneamento, sendo assim não é de uma conduta adequada de ser generalizada, apropriada e totalmente considerada um lugar seguro quanto, relativamente, deveria ser.

Nesse cenário, o termo casa tem definições relacionadas a cada realidade da mulher enfaticamente, é relevante saber que há diferenciações em conceitos de casa e de lar, de um lado é a parte mais concreta, visual, onde se pode ocorrer o encontro familiar e ser o local de ociosidade que acarreta concepções internas como afeição, apego e envoltimentos amorosos. Já o outro tem uma normatização que não se enquadra na pluralidade das moradias, constituindo às modulações criadas por órgãos sociais, em conseqüência de que se caracterize de uma completude harmoniosa, que não se contabiliza com as complicações existentes de violências e de muitas discrepâncias. Então, quando dito que tem mais de uma definição, é para demonstrar que não existe uma única forma atribuída, convencional, estruturada e sonhada, o que vem a pesar em uma união de lar, casa e família.(MOREIRA et al. 2020)

Contudo, o ambiente denominado de casa em vários momentos não é o local de maior pacificidade, tranquilidade, segurança às mulheres devido a, pandemia pela jornada de convivência acentuada, estresse acumulado, dívidas financeira e o não poder sair. Trouxe ao modo de ver quem se tem superioridade sobre o outro e o que apresenta com mais vulnerabilidade que em grande probabilidade à mulher supre este papel, que gera opressões, violências verbais, físicas, psicológicas, morais, patrimoniais e também sexuais por

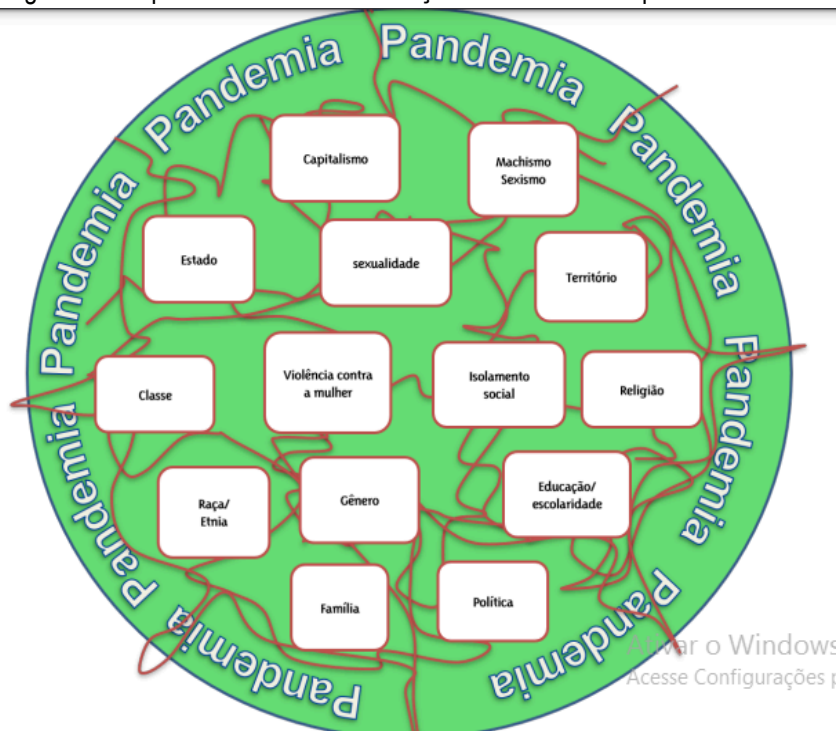
homens atuantes dessas ações que de tal modo se transforma em localização de conflitos, discussões, desavenças e agressões que será melhor apresentado à seguir.

Com a visão, da pandemia de poder-se utilizar acerca de uma representação de guerra, na conceitualização de,

“Nesse sentido, compreender os usos desta gramática pode ser importante, inclusive pela possibilidade de também reivindicá-la, com base na análise da intensificação de violações de direitos das mulheres neste cenário, uma vez que o dispositivo da guerra é estratégia de denúncia e “lança luz nas violações sistemáticas sofridas pelas mulheres... colocando em foco as relações de força e de poder que envolvem essas dinâmicas”. (GAGO,2020 apud MOREIRA et al 2020,p.10)

Que se condiz das mulheres, a relevância nesse período, de serem robotizadas em razão de adquirir rompimentos dos atendimentos necessários à saúde no modo público com “Políticas de abandono e descaso com questões que não podem esperar o fim da epidemia mundializada para serem solucionadas.”(MOREIRA et al. 2020, p.11) apresentando um foco em uma só área, no caso o contágio, e esquecendo da totalidade da qual se constituem. Sem contar, além disso, que “guerra aciona imagens de masculinidade, retirando as mulheres do espaço de decisões políticas”(MOREIRA et al. 2020, p.03) não só pelas políticas, contudo em outras razões de espaço que não apresenta prioridades próprias de vida, trabalho e de se encaixar onde for melhor. Mas o que com frequência ocorre é o que se foi determinado de forma estrutural e pela classe socioeconômica que se estabelece, pela concepção de rebaixar a posição da mulher, com intuito de evidenciar que não é capaz como tal, para superar as barreiras, lutar por melhorias e evitar a expansão dos transtornos. Assim, a figura 1 retrata o formato do vírus para simbolizar a COVID-19 que é a causa dessa pandemia, aponta as intersecções da doença viral com os fatores, esses que atingem diretamente a vida feminil, que desenvolveram sobretudo, impulsionada com envolvimento entre si, por exemplo, o Estado, a classe, a política, família, entre outros.

Figura 1-Campo de leitura das intersecções no contexto da pandemia



Fonte:Barbosa et al, 2021, p.10.

2.2 TRABALHO E MULHER

Nesta direção, faz-se pertinente destacar que muitos trabalhos são conhecidos por serem praticados por meio da feminização, com a essência de como se fosse insignificante, desvalorizado e de vulnerabilidade alta, que nem houvesse relevância, merecimento, seriedade. Destarte, busca a idealização patriarcal e machista por isso, independente de quem atua, nesse emprego com essa tipologia da marca do gênero feminino é visualizado por uma configuração de pouco prestígio, sabendo que a maioria opera no estado de cuidar do outro, que é uma área que mais apresenta desgastes na qualidade física e subjetiva do indivíduo. Com isso, deve-se pensar que “Portanto, como bem mostra Butler, o gênero não se resume a corpos, mas a performatividades que se materializam nos corpos.” (BUTLER, 2007; 2020 apud SOUZA, DUMONT-PENA, PATROCINO, 2022, p.292) em outras palavras, é o conjunto de ações imposta pelo modo que se precisa reagir ao mundo.

Em relação à figura 2, demonstra de que maneira os trabalhos de funcionalidades diferentes são vistos, por aquilo que se faz em prol da saúde e do cuidado, começando pelo... O que não aparece tanto para a sociedade, ou seja, o mais voltado para si próprio, logo é menos visível e nem tem apresentação de dados que dê para serem verificados e quantificados, por certo fica mais nas porções à esquerda, com a coloração vermelha, sendo em concordância entre os atos considerados questionáveis, se realmente são de execução verdadeira e digna, com uma enorme possibilidade de serem realizados por mulheres. Em sequência as porções mais à direita e com a coloração azul tem mais visibilidade, por conseguinte exterioriza bastante dados quantitativos amostrais, principalmente por serem pagos pelos serviços prestados, que relacionando ao outro, é mais considerável entre a população, além de serem expostos por formatos separados pode haver interconexões entre si, citando caso análogo, de uma enfermeira hospitalar formal que cuida da sua própria casa, fazendo o trabalho doméstico e ser cuidadora dos próprios filhos.

Figura 2: O espectro do reconhecimento do trabalho de saúde e cuidado



Fonte: World Health Organization, 2024, p.04

Com essa exemplificação, se observa a sobrecarga do gênero feminino. Quando se fala em trabalho doméstico, que é uma ocupação extremamente cansativa e não pago, que se tem uma duração em constância, com os seguintes serviços de varrer, limpar a poeira da casa, lavar, passar e guardar roupas, cozinhar, cuidar dos animais de estimação e também cuidar de filhos ou familiares, dentre diversos outros afazeres do domicílio, que traz vestígios de não serem reconhecidos.

Em continuidade, existe o âmbito da trabalhadora doméstica,

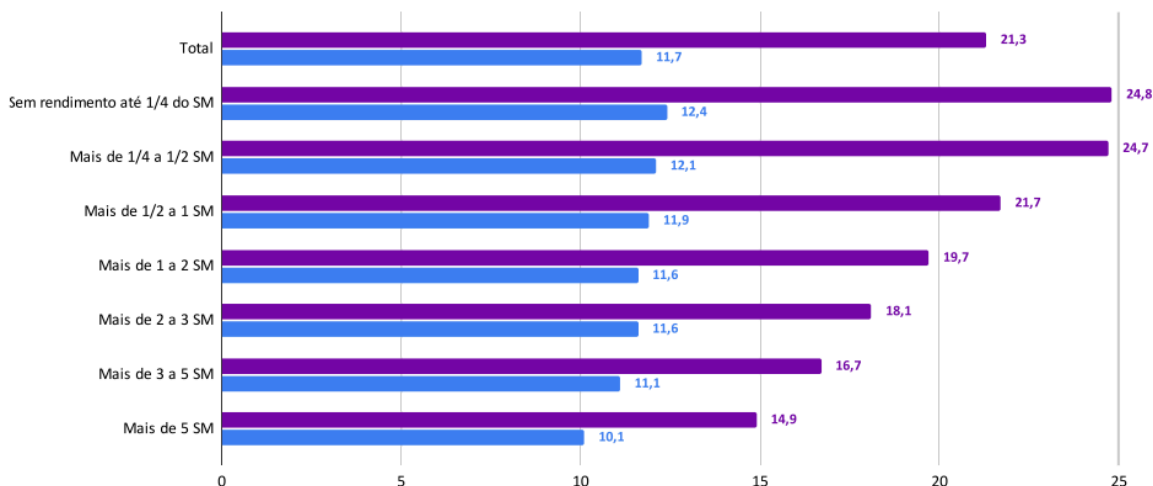
“Somente em 2015 estas trabalhadoras tiveram a garantia de algumas conquistas trabalhistas, por meio da aprovação de emenda constitucional que dispôs sobre o contrato de trabalho doméstico” (Lei Complementar n. 150/2015, MOREIRA et al, 2020, p.06),

muito conhecida como faxineira ou diarista, que possui basicamente as mesmas funções mencionadas, com o acréscimo de ser paga pelas obrigações praticadas e predeterminadas, ter deveres mas também, terem direitos regulamentados recentemente, que apesar disso mesmo assim não é tão valorizado, quanto merecia pela notoriedade.

Com a demonstração, da figura 3 que tem a representatividade em gráfico de mulheres em cor roxa e dos homens, na azul, comparando os trabalhos feitos em horas médias semanais e conectar com os rendimentos de salários médios - SM, que, ao passo das mulheres que estar sem rendimento ou as de receberem até um quarto do salário mínimo se dedicam em 24,8 horas utilizado em cuidados e/ou práticas

de tarefas domésticas, no caso dos homens nesse mesmo enquadre é de 12,4 horas drasticamente bem reduzido, relacionando os gêneros, ao analisar é visto que, quanto maior o rendimento, menor é o tempo gasto aos cuidados e/ou serviços domésticos de uma forma geral, que de qualquer forma as mulheres dedicam em média de quatro a seis horas a mais tempo que os homens.

Figura 3-Média de horas dedicadas às atividades de cuidado de pessoas e/ou afazeres domésticos das pessoas de 14 anos ou mais de idade, por sexo, segundo o rendimento mensal domiciliar per capita - Brasil - 2022.



Fonte:Ministério das Mulheres,2022, p.29.

Além disso, na parte do cuidado, que seria mais focalizado na dimensão saúde, tais como médicas, profissionais da enfermagem, técnicas de enfermagem, capacitadas em limpezas hospitalares que usufruem de valor diferencial do salário de acordo com a função exercida. Isto posto, muda a forma comportamental e de importância, que faz ter um distanciamento de realidades extravagantes, “Em termos de classe social, a profissão/ocupação já fala por si mesma, pois há notadamente um fosso socioeconômico entre uma médica e uma faxineira terceirizada que retira o lixo dos quartos do hospital.” (SOUZA; DUMONT-PENA, PATROCINO, 2022, p.293) Essa vantagem de superioridade salarial conceitua juntamente com o capitalismo, que carrega a incerteza dos minoritários de estarem seguros ao ponto de, saber se estará vivo no dia seguinte, sobressai-se no período da pandemia que inclusive a primeira vítima de falecimento aconteceu com uma brasileira ao ir em busca de seu sustento necessário para a suposta sobrevivência que a custou muito caro, a própria vida, por ser contaminada em ambiente de trabalho, por patrões, sendo então

“ A primeira morte pelo novo coronavírus no Rio de Janeiro foi de uma empregada doméstica. Cleonice Gonçalves trabalhava para uma família residente de um apartamento de luxo no Leblon e foi infectada pelos/as empregadores/as recém chegados/as de viagem à Itália” (MELO, 2020 apud MOREIRA et al,2020, p.06/07).

Diante desse cenário, cabe situar que não é por escolha própria passar por situações tão complicadas e delicadas, sem ao menos terem um reforço extra, na qual não se efetiva a abandonar a gravidade que de feição consciente sabe-se da modalidade de risco, monetário que já se mostra tão pouco recompensado no dia a dia, que também é igualmente pela questão do esforço extremo que se salienta de um modo maior em constância na duração do surto isto é, com jornada de horário duplicada, causando medo da perda por estar basicamente de frente ao perigo o tempo todo, incluindo a carga emocional imensa pela responsabilidade com a vida do outro também.

“Aqui se chega ao ponto-chave desse item: no Brasil hoje, em plena pandemia da Covid-19, quem são as mulheres que estão encarregadas do trabalho precarizado, expondo a si mesmas e as

suas famílias porque não têm a opção de simplesmente ficar em casa: as trabalhadoras da saúde, as domésticas e faxineiras terceirizadas.”(SOUZA; DUMONT-PENA, PATROCINO, 2022, p.293)

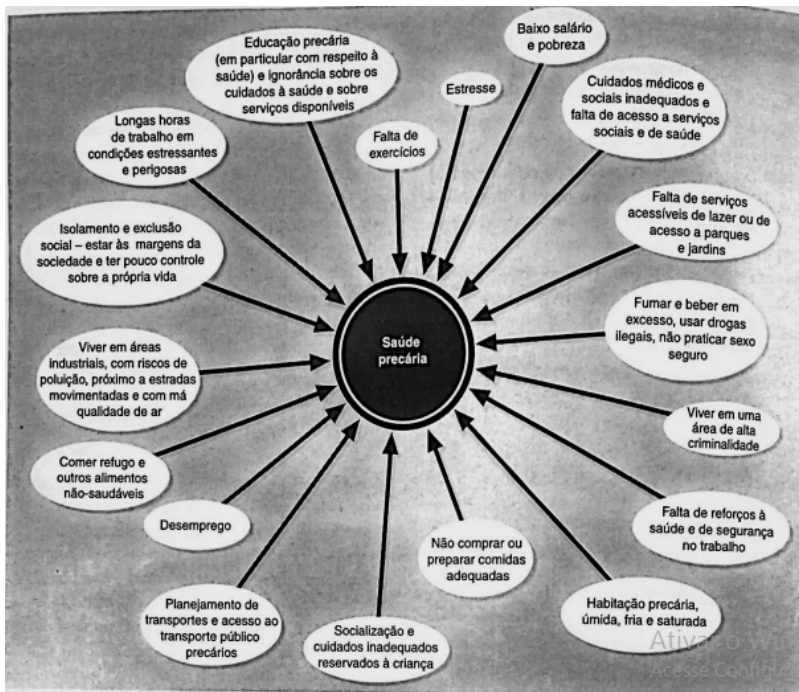
Indagando, desta forma, a necessidade de passar por complicações extremas extras, ademais de que já se costuma suportar cotidianamente e ter que ceder a própria vida em frequência para salvar vidas ou satisfazer vontades de qualquer outra pessoa com quem é de posição elevada no âmbito profissional. É válido realçar que, em adição de “apontar um crescimento de 105% entre 2001 e 2015 no número de famílias chefiadas por mulheres no Brasil” (SOUZA; DUMONT-PENA, PATROCINO, 2022, p.292) que une em evidência a da raça negra e também das localidades suburbanas que já se tem fardos negativas do próprio sistema da sociedade há muitos anos, veio fortemente reforçando esse fato na vivência com essa epidemia do vírus que ocasionou o desequilíbrio de gênero na vitalidade.

2.3 SAÚDE E VIOLÊNCIA SOBRE A MULHER

Quando se fala em saúde da mulher se refere à que ponto se tem qualidade de vida, no sentido de ter alcance e mecanismos aos meios essenciais como médicos, por exemplo, ter lazer para a saúde mental não se estressar ao cotidiano e obter o descanso físico, o bem-estar social como educação básica e conhecimentos gerais. Incluindo também o modo de viver com hábitos benéficos e dividir em proporções ideais entre a vida pessoal e a profissional, muitas pessoas nem trazem e conhecem essa ideia de saúde, por viver algo paralelo a essas situações que são essenciais, mas que não cabe a realidade efetiva de muitas pessoas.

Como visto, segundo Santos expõe o modo de como a classe social relaciona de forma direta com a saúde da população “O amplo e persistente impacto da posição socioeconômica é explicado pelo grau em que a experiência e a exposição aos principais fatores de risco são estruturadas pela posição socioeconômica.” (SANTOS, 2011, p.29) As mulheres, quando da pandemia, teriam por necessidade fazerem escolhas difíceis, por terem medo de não darem conta de receber a quantia ideal para a própria pessoa e a sua família viverem ou obter a contração da Covid-19, gerando inúmeras vezes as incertezas do que arriscar provocando então, gatilhos que fazem procurar meios de alívio a tensão e estresse, como fumar e beber em excesso, usar drogas ilegais, também não praticar sexo de forma segura, onde surge o aumento da incidência de precariedade na saúde feminina como também o desemprego, a falta de reforços à saúde e de segurança no trabalho, entre outros fatores que está exposto na figura 4.

Figura 4- Saúde precária por meio dos materiais que a relaciona e as influências culturais.



Fonte: GIDDENS, A.,2001, p.134.

Assim como a saúde, a parte econômica pode levar as mulheres a sofrerem por dependência que permitem com que de certo modo, acreditam que por isso possibilita que as outras pessoas agem sobre elas de formas violentas, mas não é só por esse caminho que agressão acontece, lembrando-se que quando se fala em violência inclui ao que se “expõe às mulheres a cinco tipos de violência, a saber: a familiar e sexual; a exploração sexual; o tráfico; a cibernética” (SOUZA; DUMONT-PENA, PATROCINO, 2022, p.297) significando que, estão sujeitas a diversas formas de aflições e inquietações, que acontecem são geralmente por razões sutis. A violência, seja doméstica, sexual ou de outro tipo, é um fator determinante na saúde das mulheres pelas consequências das violações que não são apenas físicas, mas também psicológicas e sociais. Mulheres que sofrem essas ações têm tendência de modelo progressista, a ter saúde mental enfraquecida que se dá em concordância das ocorrências graves de depressão, transtornos após traumas tanto físico, quanto psicológico, a estimulação da ansiedade por dois fatores de medo, do homem agressivo e da própria COVID-19.

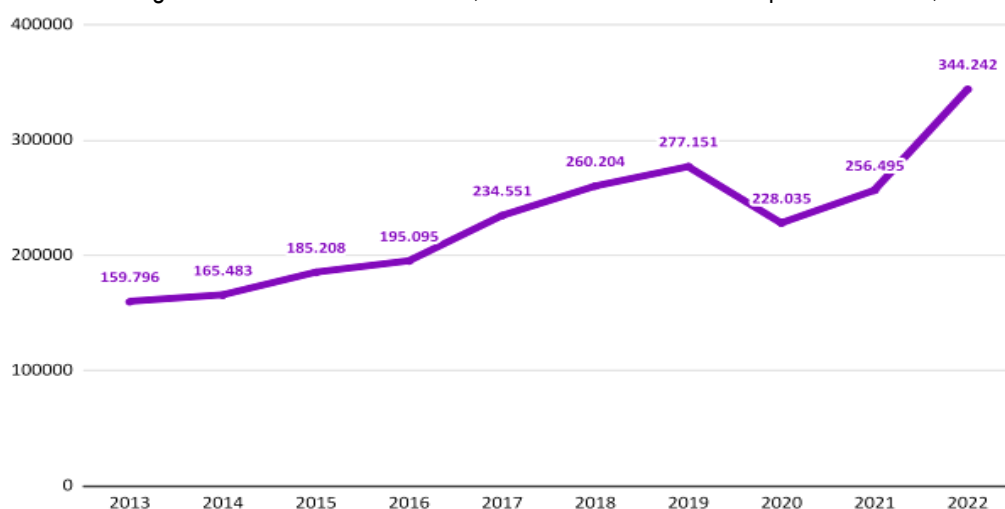
Para melhor arranjo, quando ao se falar em violência contra mulher por não acabar abrangendo a quantidade que se apresenta esse fator de sofrência nesses tipos de atuações, então será mencionado de violência contra as mulheres para transmitir uma amplificação de acontecimentos sobre as pessoas do gênero feminino. A violência como um todo tem o teor forte da historicidade que há muito tempo vem acontecendo, se reproduzindo e, com esse período de contágio, se intensificou bastante, inclusive requer entender que

“Assim, enunciar que as mulheres têm vivenciado um aumento da violência em tempos de pandemia não é suficiente para descrever as suas experiências, muito menos para estabelecer uma relação causal direta entre pandemia e violência. É preciso perguntar quem são e onde estão essas mulheres, a partir de uma análise interseccional, considerando-se como as diversas categorias relacionadas a elas e à violência doméstica constituem e são constituídas nas e pelas instituições e estruturas hegemônicas.” (FERRAZ; TOMAZI; SESSA, 2019 apud BARBOSA et al. 2021, p.09)

Sabe-se que, o ambiente social já faz um excesso de cobrança em torno das mulheres de configuração severa, quando se diz em vulnerabilidade principalmente financeira. Durante a pandemia, no isolamento social e restrições de movimento, houve um exagero na violência doméstica. O confinamento em

casa foi uma exposição em alta demanda de risco de abusos mediante aos parceiros íntimos, namorados ou maridos, enquanto as deliberações do Estado do distanciamento social tiveram dificuldade para buscar o acesso de serviços emergenciais e apropriados, ficou como se fosse privado de quem tanto necessitava além de, obterem um tempo reduzido nas cargas trabalhas nessa rede de apoio principiantes de policiais, enfermeiros e médicos, geralmente. Estudos mostram que os casos de violência doméstica aumentaram significativamente durante o período pandêmico, mulheres cotidianamente tiveram que confrontar abusos físicos e emocionais sem ao menos ter a mínima possibilidade de buscar ajuda adequadamente. Inclusive na figura 5, exibe as comparações entre os anos de 2013 a 2022 sobre os números de casos que antes da pandemia apresentava 277.151 no ano de 2019 e no último ano pandêmico, 2022, foi de 344.242 que relacionado aos outros anos anteriores foi o mais ascendentemente, sendo de motivação por duas causas do mundo atual as de pessoas registrarem as causalidade com menos resistência. É válido pensar que ainda existem muitas mulheres que não têm coragem e resistem para denunciar, até mesmo por insegurança, e o outro fator é que há possibilidade de os profissionais da saúde registrarem com mais regularidade.

Figura 5-Total de registros de violência doméstica, sexual e outras violências por ano - Brasil, 2013-2022.



Fonte: Ministério das Mulheres, 2024, p. 57.

A partir desse olhar, “No ano de 2022, em 77,2% dos casos registrados, os agressores eram do sexo masculino” (Ministério das Mulheres, 2024, p.61), que realça a desigualdade de gênero reforçada na visão dos homens serem sublime e as mulheres subordinadas ainda mais, quando se fala em relação conjugal atual ou antepassada que apresenta uma grande porcentagem de serem os agressores. “Por isso, é importante problematizar o contexto doméstico sem ignorar as tensões, já que ressaltar harmonia ou modelos familiares hegemônicos significa invisibilizar as heranças de violências e desigualdades existentes no Brasil” (SCHWARCZ, 2020 apud MOREIRA et al. 2020, p.04).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através desta pesquisa realizada por meio de artigos, dados estatísticos e livros mapeia os aspectos precários em que as mulheres, vivência nos quesitos das desigualdades de gêneros e também sociais que apurou as mulheres como alvos negativos de inferioridade, fraqueza e submissão apresentados na área do mercado de trabalho e relacional ao companheiro íntimo que afeta pontualmente a saúde e a integridade da mulher. Com relevância ainda maior em pandemia da Covid-19 no Brasil, o momento que sobrepôs a violência doméstica e o papel das mulheres de cuidadoras de saúde ocasionando crise na vitalidade em destaque pessoal de forma profunda em meio ao caos negligenciando a própria vida e serem vítimas de abusos, importante recordar que mesmo até o momento da atualidade, há indícios históricos das influências dos sistemas patriarcalista e machista, principalmente que geram comportamentos que são visto como naturalizados sobre esse gênero.

Em procedência, é importante ressaltar que se tem uma sobrecarga grande diante da marca do gênero feminino, que necessita ser valorizada pela feição de serviços tão essenciais é preciso de melhorias e preparações para possíveis epidemias via de investimentos governamentais de políticas públicas e leis que entrem em vigor de direitos trabalhista e de saúde, acolhimentos bem fundamentados, meios de denúncia com maior praticidade em casos de necessidades e gravidades. Juntamente com as redes de apoio psicológicos, de serviços básicos confiáveis, com ambientes seguros com proteção para que essa posição feminil aproxima de certo modo, de uma independência financeira, emocional do agressor e reconhecimento social com esse suporte crucial, já irá evitar com que a violência seja um ponto de partida para dominação e se superiorizar. Mediante as questões desses atos estruturais praticadas geralmente por homens, na qual quem passa o tormento são as pessoas do sexo feminino.

Conclui-se que ações como estas auxiliam de forma ampla o bem-estar de forma saudável, segurança, melhorias monetárias que conseqüentemente reduzem as predisposições e inclusive as próprias doenças, devendo em vista buscar entre incentivos e reconhecimento essencial da vida das mulheres.

O presente tema do trabalho é encontrado poucos estudos que, se relacionam por ser dificilmente um assunto de interesse a ser abordado, devido às áreas tanto científicas, quanto a políticas de serem majoritariamente de dominação de pessoas do sexo masculino, brancos, que dificultam a ter voz e ser o meio de informações e conhecimentos a respeito.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, J. P. M. et al.. **Interseccionalidade e violência contra as mulheres em tempos de pandemia de covid-19: diálogos e possibilidades.** Saúde e Sociedade, v. 30, n. 2, p.01-13, 2021.

GIDDENS, A. **Sociologia do Corpo: Saúde, Doença, Envelhecimento.** In: Giddens, A. Sociologia. 6ª edição. Fund. Calouste Gulbekian, pp. 142-171, 2001.

MINISTÉRIO DAS MULHERES. **Relatório Anual Socioeconômico da Mulher.** 1ª Impressão. Brasília: Ministério das Mulheres, Abril, 2024, p.07-468.

MOREIRA, L. E. et al.. **MULHERES EM TEMPOS DE PANDEMIA: UM ENSAIO TEÓRICO-POLÍTICO SOBRE A CASA E A GUERRA.** Psicologia & Sociedade, v. 32, p.01-19, 2020.

REIGADA, C. L. de L., Smiderle, C. de A. S. L. **Atenção à saúde da mulher durante a pandemia COVID-19: orientações para o trabalho na APS.** Rev Bras Med Fam Comunidade. Abril, 2021, p.01-13.

SANTOS, J. A. F.. **Classe social e desigualdade de saúde no Brasil.** Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 26, n. 75, p. 27–55, fev. 2011.

SOUZA, É. R.; DUMONT-PENA, É.; PATROCINO, L. B.. **Pandemia do coronavírus (2019-nCoV) e mulheres: efeitos nas condições de trabalho e na saúde.** Saúde em Debate, v. 46, n. spe1, p. 290–302, 2022.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Fair share for health and care: gender and the undervaluation of health and care work.** Geneva, World Health Organization, 2024, p.01-95. Licence: CC BY-NC-SA 3.0 IGO.